
Fernando Pessoa assombrado por Camões

Fernando Pessoa haunted by Camoens

Rodrigo Xavier

Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPLB-RGPL/FBN

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1394>

RESUMO

O presente texto apresenta uma abordagem documental da complexa relação entre Fernando Pessoa e Luís de Camões, examinando a presença paradoxal de Camões como influência literária – ao mesmo tempo admirada e negada – na obra de Pessoa. A análise percorre desde a biblioteca pessoal do poeta até os manuscritos e publicações que tratam direta ou indiretamente de Camões. O argumento apresentado é que Camões opera na obra pessoana como figura espectral, sendo evocado por vezes com reverência e, em outras, com crítica contundente. Ao mapear essa presença ausente, propõe-se que Camões não apenas antecede Pessoa como poeta fundacional da Literatura Portuguesa, mas o assombra como mito a ser superado, reescrito e, finalmente, internalizado na multiplicidade do projeto pessoano.

PALAVRAS-CHAVE: Luís de Camões; Fernando Pessoa; Apreciações literárias.

ABSTRACT

This paper presents a documentary approach to the complex relationship between Fernando Pessoa and Luís de Camões, examining the paradoxical presence of Camões as a literary influence – simultaneously admired and denied – in Pessoa's work. The analysis ranges from the poet's personal library to manuscripts and publications that address Camões either

directly or indirectly. The central argument is that Camões functions in Pessoa's *oeuvre* as a spectral figure, at times evoked with reverence, at others subjected to sharp critique. By mapping this absent presence, the paper proposes that Camões not only precedes Pessoa as the foundational poet of Portuguese literature but also haunts him as a myth to be surpassed, rewritten, and ultimately internalized within the multiplicity of the Pessoaan project.

KEYWORDS: Luís de Camões; Fernando Pessoa; Literary appreciations.

PREÂMBULO

É comum àqueles que se dedicam ao estudo da obra de Fernando Pessoa a sensação de que o poeta, para além do heteronimismo, depara-se com outras heterogeneidades, multiplicidades. Dentre elas está a variedade de autores lidos e referidos por Pessoa durante a vida, e consequentemente a capilaridade rizomática de correntes de pensamento, incluindo sistemas filosóficos, sociológicos, religiosos e políticos com os quais o poeta de *Orpheu* dialogou, posicionando-se ora a favor, ora contra, consolidando, assim, um dos traços mais evidentes de sua produção literária – tanto na poesia, na prosa e no drama, quanto na crítica literária, na formulação de teorias estéticas, de interpretações políticas e mesmo de instituições religiosas: o paradoxo, ou como aponta Jakobson (2007), o oxímoro dialético.

Um problema surge dessa heterogeneidade que caracteriza o conjunto de textos (mais de 35.000 papéis, entre manuscritos, datilografados, fragmentos vários) escritos por Pessoa em quase 40 anos de atividade literária: trata-se do problema dos modelos literários que, de alguma maneira, criaram (ou não) em Pessoa aquilo que Harold Bloom denominou, no livro homônimo, *The anxiety of influence* (1973). Note-se que nem todas as influências são necessariamente positivas; no mundo pessoano, há tanto dívidas quanto rupturas, de modo que uma influência pode acarretar ora filiação, ora afastamen-

to. Não pretendo criar um catálogo exaustivo das possíveis dívidas poéticas de um autor tão voraz e profícuo como Pessoa, que chegou a declarar: “tudo tem influência sobre mim”, mas sim o caráter oximórico de uma dessas influências, ou seja, ao mesmo tempo dívida e ruptura, filiação e afastamento, a saber, o poeta Luís de Camões. Esta é apenas uma das muitas possíveis aproximações ao problema da influência em Pessoa.

ESTADO DA ARTE

Escrever sobre o tema da relação entre Pessoa e Camões é um desafio sob vários aspectos, a começar pela certeza de que se cometerá injustiças por não se conseguir citar nesta breve apresentação todos os críticos que se dedicaram à tarefa. Advirto, pois, que o estado da arte aqui apresentado é incompleto, e a escolha dos nomes acaba por ser eletiva. Jorge de Sena trabalha essa relação a partir do momento que se lança no estudo dos dois poetas. A esse respeito cabe citar uma passagem de “Introdução ao *Livro do Desassossego*”, escrita em 1964:

Fernando Pessoa não foi, e não é, o Super-Camões que ele profetizou. Mas é (e as farpadas que a Camões várias vezes dirigiu são sintomáticas) o anti-Camões. Poucas vezes, se alguma, numa literatura e numa língua, se terão polarizado tão extremamente as condições estéticas da existência humana. Um não foi senão ele mesmo, reduzindo tudo à escala da sua experiência de vida, e amplificando esta experiência à estrutura do universo. O outro não foi senão ‘ele-mesmo’, amplificando o nada à escala da sua não-experiência, e reduzindo esta não-experiência a não-estrutura do não-universo. Para um, o amor era a força motriz do ser e do pensar. Para o outro, o amor simplesmente não era. Para um, o espírito conhecia-se não ter conhecimento. Para o outro, o conhecimento conhecia-se não ter espírito. Um foi a própria dialética do pensamento vivo realizando-se em estrutura estética. O outro foi a recusa do pensamento em estruturar a sua mesma essência dialética. [...] Um é o ser, o outro o não-ser. [...] de um, não há

papéis. Do outro, há papéis de mais. Um deixou que tudo se lhe perdesse. O outro, não houve tira de papel ou de frase que não guardasse. É que um era uma estrutura fechada sobre si mesma, e sempre estaria todo num fragmento qualquer; e o outro necessitava de todos os fragmentos, não para reconstituir-se, mas para dissipar-se. Da angústia de Camões, eleva-se uma tremenda serenidade. Da irónica superioridade de Pessoa, emana um calmo desassossego (Sena, 2000, p. 149-150)¹.

Jacinto do Prado Coelho, junto com Cleonice Berardinelli, crítico pioneiro na investigação da obra de Pessoa, também se dedicou a pensar os dois maiores poetas de Portugal. No texto “d’ *Os Lusíadas* a *Mensagem*” lemos:

tanto Camões como Pessoa, cantores da pátria, são poetas da ausência. Poetas do que foi ou do que poderá vir a ser. Dum amor que ou se refugia na memória ou, revigorado, se traduz na vibração de um apelo. Mas as situações divergem, um intervalo multissecular tinha de separá-los. No Camões épico predomina o elemento viril – a viagem, a aventura, o risco. Tradicionalmente, a mulher é a que fica esperando, imóvel, na felicidade e no sonho do regresso: como Pessoa e as figuras em que se desdobra, de olhos fitos no indefinido (Coelho, 1983, p. 106).

O destaque dado à ausência também foi dado por Cleonice Berardinelli em sua tese, ainda inédita, onde defende que o conceito é um dos mais recorrentes na poesia de Pessoa. Usa-o em relação oximórica com o conceito de presença, e descreve, pois, que a ausência

¹ Jorge de Sena não teve acesso ao material integral de Pessoa, mas tão somente aquilo que lhe fora enviado tanto para o Brasil quanto para os EUA. Esse material fora escolhido pelos editores da Ática. O texto foi escrito em 1964, mas uso aqui a edição de *Fernando Pessoa & C^a Heterónima*, publicada em 2000.

em Pessoa é sempre presente, denominando essa constante de “a presença da ausência”, sintagma que dialoga com a citação de Prado Coelho.

Ainda apresentando a fortuna crítica que se ocupou do diálogo Camões-Pessoa, Eduardo Lourenço é seguramente um dos que se destacam no assunto. Dedicou um livro ao diálogo, no qual também convocou Antero. Segundo Lourenço (2002), Camões e Pessoa teriam estabelecido uma relação sinérgica entre poesia e metafísica. Há um texto específico do livro publicado em 1980, que versa sobre a relação *Os Lusíadas-Mensagem*, onde se lê: “a ausência de Camões é o texto negado sobre o qual o texto de Pessoa pôde, enfim, surgir como o outro texto da mesma e diferente invenção da Pátria. *Mensagem* começa ideal e formalmente onde *Os Lusíadas* acabam” (Lourenço, 2002, p. 241).

Cleonice Berardinelli também escreveu diversos textos sobre os dois poetas, e um em especial, conhecido por muitos e referido por vários de nossos colegas, intitulado “*Os Lusíadas e Mensagem*: um jogo intertextual”. Nele, Cleonice faz uma leitura comparativa minuciosa de excertos dos dois poemas, apontando similitudes e distanciamentos. Conclui, ao fim do texto que:

da leitura d’*Os Lusíadas* ressalta [...] a busca de uma solução real para reverter a situação da pátria; dos poemas de *Mensagem* res-sai, intensificada no poema final, ‘Nevoeiro’, a proposta de uma solução não mais de dimensão humana, mas transcendente. Em ambos, porém, há, ao chegar ao fim, mais de epicéδιο que de sin-fonia, apesar dos acordes vibrantes que Camões consegue desferir nas cordas da cítara que abandonara e das dissonâncias auspicio-sas a que Pessoa recorre, inserindo-as na desalentadora harmonia final. Enfim, dois poemas épicos - ou épico-líricos? - ‘de espécie complicada’, diria Pessoa, e digo eu: como convinha a Portugal (Bernardinelli, 2000, p. 147-148).

Por último, nesse breve estado da arte, convoco Helder Macedo, reconhecido por seu camonismo revolucionário e leitor de paixão mais moderada por Pessoa. Cito Macedo:

[...] vem do facto de Pessoa nunca ter sido capaz de perdoar a contrariedade de ter havido antes dele em Portugal um Camões, contra o qual insensatamente julgou poder medir-se, mas que, mesmo quando ostensivamente o quis obliterar dentre os heróis assinalados na *Mensagem*, acabou por se tornar na grande ausência estruturante do poema, implicitamente referenciado na imagem pesadélica do Mostrengo (Macedo, 1988, p. 28).

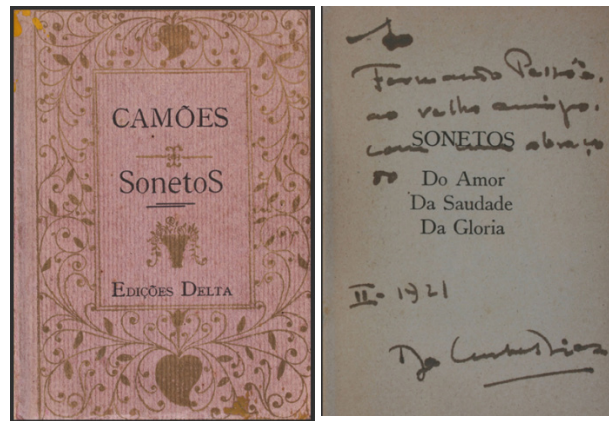
É essa citação que enseja involuntariamente essa comunicação. A imagem pesadélica de um mostrengo, a obliteração de Camões em *Mensagem*, acaba por configurar o que plagiando Cleonice poderia denominar-se a presença da ausência, mas, nesse caso, a de Camões em Pessoa, que poderia ser interpretada tanto como uma espécie de saudade, mas que ora tomo como uma assombração. Camões é fantasma de Pessoa.

CAMÕES NA BPFP (BIBLIOTECA PARTICULAR DE FERNANDO PESSOA)

Uma das maneiras de defender a influência ou o diálogo de um autor com a obra de outro é comprovar a sua presença na biblioteca daquele. No caso de Fernando Pessoa, ainda que muitos livros tenham sido (e foram) negociados pelo próprio durante a vida, no mais das vezes por dificuldades financeiras, ainda há uma amostragem significativa dessa biblioteca conservada, digitalizada e disponibilizada pela Casa Fernando Pessoa. A partir da página da Casa, é possível consultar os títulos e baixar em PDF a maior parte do acervo pessoal do português. Nessa Biblioteca encontra-se apenas um volume do poeta d'Os *Lusíadas*, a edição de *Sonetos: de amor, da saudade, da glória* (1921), com dedicatória de Alberto da Cunha Dias,

amigo de Pessoa. Diferentemente de outros volumes presentes no acervo da BpFP, este volume não apresenta sublinhados, margina-las ou quaisquer outras anotações de Pessoa, o que poderia nos ofe-recer pistas sobre impressões do poeta sobre os sonetos de Camões. Na ausência de outros volumes na BpFP, resta-nos analisar os tex-tos escritos por Pessoa, e verificar qual a incidência de Camões que comprova a hipótese do fantasma.

Figuras 1 e 2 – Capa e contracapa da edição de sonetos de Camões.



Fonte: BpFP (c2022a).

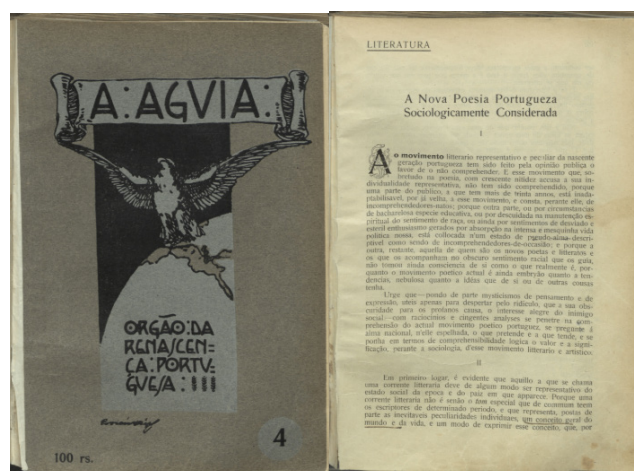
CAMÕES NOS PAPÉIS DE PESSOA

Tendo deixado aproximadamente 250 textos publicados em vida, além de *Mensagem*, dos *English Poems I, II e III*, de *35 Sonnets* e de *Antinous*, e mais cerca de 33.000 outros documentos por publicar, Pessoa escreveu poucos textos em que Camões aparece como ele-mento central. Até o momento em que escrevo este artigo, são 27 ocorrências (bem menos de 0,5% de tudo o que Pessoa deixou es-crito) – entre listas, tabelas, textos nos quais Camões é mencionado, missivas – e em apenas seis desses textos Camões é tema central das apreciações de Pessoa. Mas isso não torna a figura de Camões menos importante, senão, transforma-o em figura espectral para Pessoa.

Em grande parte desse material, Pessoa se refere a Camões de maneira comparativa com outros poetas (Dante, Milton, Shakespeare, Goethe) e, em alguns dos textos, consigo mesmo.

É o caso de três dos mais conhecidos publicados em vida por Pessoa, respectivamente intitulados: “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”, “Reincidindo...” e “A nova poesia portuguesa em seu aspecto psicológico”, todos datam de 1912, na revista *A Águia*, responsáveis por criar um certo mal-estar provocado pelo anúncio do Supra-Camões, anúncio este que será assunto da crítica nas décadas vindouras. Esses textos obviamente têm a sua importância pelo teor de análise quase historiográfica sob pretensos vieses sociológico e psicológico, mas também porque são os primeiros textos publicados e assinados por Fernando Pessoa em Portugal, quando o poeta tinha apenas 24 para 25 anos (os textos saem entre abril e novembro de 1912).

Figuras 3 e 4 – Capa e contracapa da edição da revista *A Águia*.

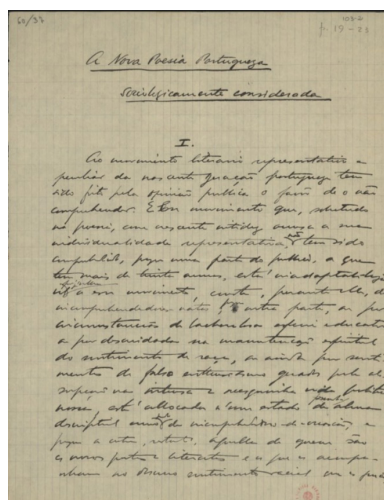


Fonte: Pessoa (c2022b).

Diferentemente de muitos outros textos publicados em vida, os textos de *A Águia* dispõem de um lastro genético. Pessoa deixou rascunhos

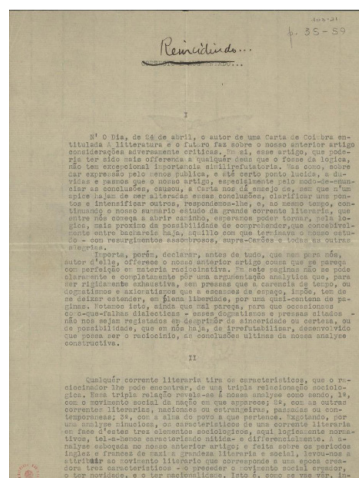
do que viriam a ser esses textos, e ainda que não possamos considerar estes como provas finais do que saiu em revista, é relevante ressaltar a importância de o poeta modernista ter se dedicado ao retrabalho do que seria a sua estreia como crítico da literatura portuguesa, tema ao qual se dedicou nos primeiros anos de sua vida literária.

Figura 5 – Rosto da primeira folha do manuscrito “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”.



Fonte: Pessoa (1912b [BNP/E3 103-2-5]).

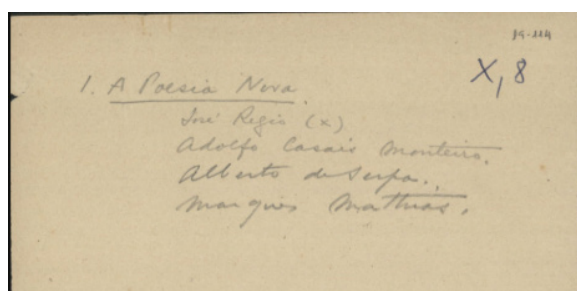
Figura 6 – Rosto da primeira folha do datilografado “Reincidindo...”.



Fonte: Pessoa (1912a [BNP/E3 103-21-31]).

Os artigos de *A Águia* foram planejados em listas e rascunhados em algumas diferentes versões. Revelam um percurso genético de maturação, o que pode ser verificado a partir da leitura dos testemunhos acima referidos. Pessoa ensaiou, em manuscritos e datilografados, alguns dos textos publicados. No caso da trilogia (“A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”, “Reincidindo...” e “A nova poesia portuguesa em seu aspecto psicológico”), trata-se de um conjunto que aponta para uma das obsessões de Fernando Pessoa, sobretudo nos anos iniciais de sua atividade literária como crítico: a historiografia literária. Os textos publicados em *A Águia* fariam parte de projetos que deveriam culminar, mais adiante, em material mais coeso sobre o tema, como se pode depreender da leitura do conjunto [19-114^r-19-131^v]², um dos documentos mais importantes em torno do exercício crítico de Pessoa a respeito da poesia portuguesa, provavelmente rascunho inicial de um livro que Pessoa planejou escrever durante toda a vida, o que se pode depreender da leitura de listas e projetos.

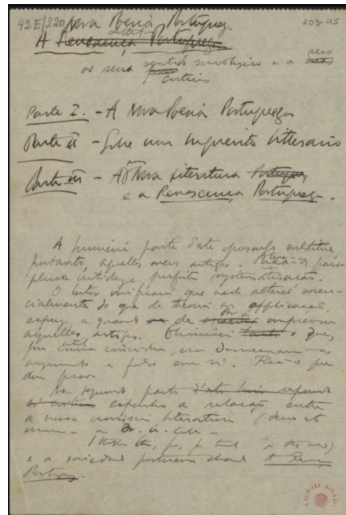
Figura 7 – “A poesia nova...” (detalhe).



Fonte: Pessoa (19--b [BNP/E3 19-114-131]).

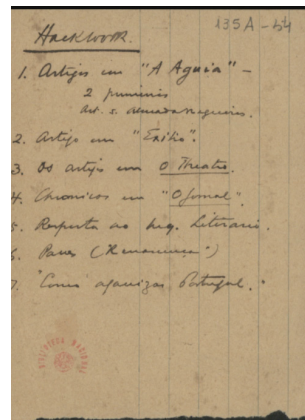
² Os números de cota que aparecem são referentes à catalogação feita pela Biblioteca Nacional de Portugal nos papéis do espólio de Fernando Pessoa, (Espólio E3). Alguns desses documentos estão disponíveis on-line na página modernismo.pt, mas a maior parte do material precisa ser solicitado à BNP através de formulário específico.

Figura 8– Fragmento manuscrito de “A nova poesia portuguesa”.



Fonte: Pessoa (1912a [BNP/E3 103-45]).

Figura 9 – Fragmento manuscrito do plano de publicação de artigos.



Fonte: Pessoa (19--e [BNP/E3 135A-54^r]).

Ainda em 1912, Pessoa escreve um texto longo, fragmentado, cuja primeira das 7 folhas traz o título *Camões*. Nele, Pessoa se ocupa de defender a ideia de que Camões deve ser reconhecido por duas características que em sua poesia se destacam: o caráter sentimental e patriótico do seu estilo épico. Adverte Pessoa que Camões como

poeta épico só o é porque seu epopeísmo é lírico, ou seja, sua epopeia não se destaca no conjunto dos demais poemas épicos que emula, senão por aquilo que nele há de lírico e sentimental. *Os Lusíadas* deve ser considerado um épico menor, apesar de ser o que há de mais bem feito por Camões.

Cito um fragmento do texto:

Camões.

Ha uma singularidade que a Camões destaca d'entre os epicos todos, que o torna epico entre os poetas d'esse mesmo sentimento. O patriotismo. [...]

Os Lusíadas não é um dos grandes poemas epicos do mundo. Faltam ao seu autor qualidades (as maximas, sobretudo) do puro-artista para o fazer attingir maximidades e extremos. Mas é, de entre as epopeias todas a mais milagrosamente epopeica. Porque a sua base é lyrica, não epopeica. Poeta propriamente epico, constitucionalmente epico é aquelle que, qualquér que seja o conteudo sentimental do assumpto, ♦ É a unica epopeia *construída sentimentalmente*. N'isto /reside/ o seu valôr extraordinario. É lyrisimo que sahiu para fôra do ser lyrico (Bothe, 2013, p. 84-85)³.

Por volta de 1913, Fernando Pessoa redigiu na folha de um caderno (BNP/E3, 144D2-6) uma lista de “Pamphletos e Opusculos”. Um dos textos listados, os quais versariam sobre matérias diversas, ia ser um artigo sobre Luís Vaz de Camões, intitulado “Camões: e a Superstição Camoneana”. Dos textos incluídos nessa lista, alguns foram, de facto, publicados por Pessoa, tal como aconteceu com os três artigos sobre “A nova poesia portuguesa” (*A Águia*, 1912) e com os dois “Artigos para o *Theatro*”: (1) “Coisas estilísticas que aconteceram a um gomil cinzelado, que se dizia ter sido batido no ceu, em tempos da

³ Foi mantida a ortografia original.

velha fabula, por um deus amoroso”, sobre Manuel de Sousa Pinto; e (2) “Naufragio de Bartolomeu”, sobre o livro respectivo de Afonso Lopes-Vieira. Estes dois artigos foram publicados em *Teatro: Revista de Crítica*, em 1913, na sua primeira série. A revista, ainda em 1913, teve uma segunda série, e o título da publicação passou a ser *Teatro: Jornal d’Arte*. Foi ali que Pessoa escreveu a sua coluna “Balança de Minerva”. Outro texto referenciado na lista acima citada, “Caricatura (art[igo] sobre Almada Negreiros)”, também foi publicado em 1913, mas desta vez na revista *A Águia*. O testemunho apresenta duas folhas de papel manuscritas a tinta preta (que aparenta ter sido escrito com duas canetas diferentes). Na metade inferior da página 14B-51^v, existe um exercício caligráfico a lápis roxo: a palavra Augustine⁴ repete-se oito vezes. Na metade superior, figuram algumas contas. A primeira folha é um recorte de papel alongado; a segunda, uma folha de caderno vincada ao meio na vertical e na horizontal. Os suportes são diferentes, mas não há dúvidas sobre a continuidade do texto editado. A data que consta no rosto da primeira folha é 18 de dezembro de 1912.

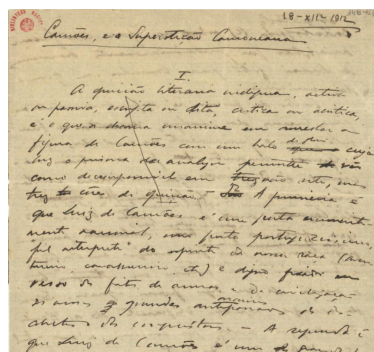
O texto reflete sobre a importância de Camões no cenário da literatura épica e lírica em Portugal, e discute o quanto Camões seria genuinamente um poeta nacional se comparado a outros poetas como Gil Vicente e Bernadim Ribeiro. A argumentação acaba por se tornar excessivamente especulativa, e o texto é interrompido sem que o nome de Camões seja retomado para concluir o raciocínio.

Para vermos o quale e o quantum de nacionalidade portuguesa que a decencia logica pode conceder ao nosso grande poeta, importa retrogradar até onde se possa ter ponto axiomático, partin-

⁴ Pode referir-se a Santo Agostinho, autor citado por Pessoa, especialmente em textos sobre o Renascimento e o Sebastianismo.

do, n'esse recuo logico, do termo *nacionalidade*. O que é um poeta nacional – eis o problema primeiro. Quantos generos e modos de poetas nacionaes há? – eis o problema que se segue. Ha gráus e valores relativos n'estes generos, no que generos, e se os ha quaes são, e porque o são – eis o problema final (BNP/E3 14B – 51-52)⁵.

Figura 10 – Trecho de “A superstição camoniana”.



Fonte: Pessoa ((20--)) [BNP/E3 14B – 51-52]).

O texto inédito de Fernando Pessoa, intitulado “Camões: e a Superstição Camoneana,” e publicado por Pauly Elen Bothe em 2013, compõe uma crítica às leituras consagradas e à “aureolização” excessiva de Camões como poeta nacional. Pessoa propõe uma análise estrutural daquilo que considera um culto supersticioso em torno do autor de *Os Lusíadas* e questiona as principais ideias consagradas pela crítica nacional. O que Pessoa chama de “superstição camoniana” se justifica pelo fato da recepção crítica e popular de Camões tê-lo tornado uma espécie de “dogma nacional”, isto é, um conjunto de ideias aceitas sem questionamento. Pessoa ironiza essas opiniões, que atribuem a Camões: (a) uma nacionalidade exemplar, (b) uma superioridade absoluta na poesia épica e lírica, e (c) uma função quase sagrada como transmissor da glória e da alma nacional.

⁵ Testemunho pode ser consultado em Pessoa ((20--)).

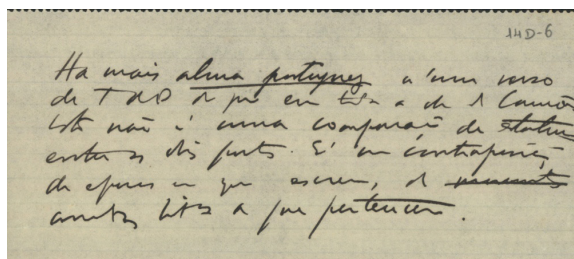
Pessoa declara sua intenção de “contestar, de leste a oeste” essas posições: “propomo’-nos, n’estas poucas páginas de empacotado raciocínio, contestar, de leste a oeste, estas implícitas ou cientes posições da crítica...” (Bothe, 2013, p. 273).

Procura, ainda, fundamentar logicamente o que significa ser um poeta nacional. Afirma que é necessário retroceder até um “ponto axiomático,” e define: “um poeta nacional, evidentemente, é um poeta que interpreta e traduz a alma da nação a que pertence...” (Bothe, 2013, p. 274).

É importante esclarecer que o termo “superstição” em Pessoa refere-se à veneração acrítica e quase litúrgica de Camões como símbolo máximo da nacionalidade e da genialidade poética portuguesa. Essa recepção transforma Camões em algo intocável, que foge à análise estética ou histórica.

Embora o termo fantasmagoria não apareça no manuscrito, o gesto crítico de Pessoa evoca essa noção porque Camões é apresentado como uma figura que paira, um espectro canônico que ofusca novos poetas. Superstição é o culto, e a fantasmagoria é o modo como esse culto atua simbolicamente.

O patriotismo exacerbado por Pessoa no texto anterior acaba por ser colocado em xeque no contributo que segue. Trata-se de mais um fragmento, no qual entra novamente em cena o oxímoro dialético de Pessoa em escala macroestrutural, apontando que Camões é ao mesmo tempo um poeta épico mais patriótico que os demais épicos, entretanto parece que carece da envergadura necessária para representar Portugal como o grande poeta nacional.

Figura 11 – “Ha mais *alma portuguesa* [...]” (detalhe).

Fonte: Pessoa (19--a (BNP/E3 14D6)).

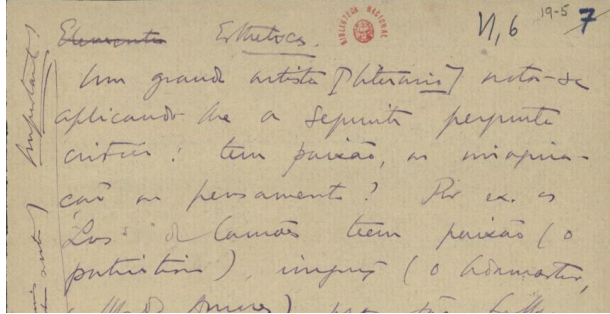
Ha mais *alma portuguesa* n'um verso de T[eixeira] de P[ascoaes] do que em toda a obra de Camões. Isto não é uma comparação de estaturas entre os dois poetas. É uma contraposição de épocas em que escrevem, de correntes literárias a que pertencem. (BNP/E3 14D6).

Nos anos seguintes, Pessoa continua sua atividade de crítico, na qual o nome de Camões segue aparecendo, entretanto de maneira mais contundente. Pessoa se dedica mais à análise de aspectos estéticos da poesia camoniana, e não deixa de ser curioso um certo desdém que Pessoa demonstra pelo poeta do Quinhentos, dada a brevidade dos comentários dirigidos a Camões. Exemplos dessa postura podem ser verificados em texto não publicado em vida por Pessoa, manuscrito em torno de 1915. O título é *Esthetica*, e lê-se:

Esthetica.

Um grande literario nota-se aplicando-lhe a seguinte pergunta critica: tem paixão, ou imaginação ou pensamento? Por ex. os “Lus[iadas]” de Camões teem paixão (o patriotismo), imaginação (o Adamastor, a Ilha dos Amores), mas são falhos de pensamento. Os Sonetos de Anthero teem sempre pensamento, ás vezes imaginação (?), paixão nunca (?) (Julio Dantas nada; [porque] não é um grande poeta.) (BNP/E3 19-5-7).

Figura 11 – “*Esthetica*” (detalhe)



Fonte: Pessoa (19--d (BNP/E3 19-5-7)).

Em outubro de 1923 uma entrevista de Pessoa é publicada na *Revista Portuguesa*, n. 23-24, Lisboa, dirigida por Victor Falcão. Essa entrevista foi promovida por Alves Martins e aparece em uma lista manuscrita (125B-9^r). Nessa entrevista, Pessoa inicia um ataque a Camões, desqualificando *Os Lusíadas*, apesar de em outros momentos ter afirmado que o poema camoniano se destacava dentre algumas epopeias pelo seu caráter lírico, e nisso repousaria uma qualidade da escrita de Camões. Alves Martins pergunta na entrevista “Palavras de Fernando Pessoa” se teriam existido em todos os momentos da história literária de Portugal períodos de criação. A resposta de Pessoa é ácida:

– O nosso único período de criação foi dedicado a criar um mundo. Não tivemos tempo para pensar nisso. O próprio Camões não foi mais que o que esqueceu fazer. *Os Lusíadas* é grande, mas nunca se escreveu a valer. Literariamente, o passado de Portugal está no futuro (Pessoa, 1923, p. 187-188).

O tema d'*Os Lusíadas* volta à cena em 04 de fevereiro de 1924 no *Diário de Lisboa*, data na qual o periódico publica uma homenagem a Camões em coluna intitulada “Luiz de Camões glorificado pelos poetas de nossa terra”. Assinam contribuições breves os escritores

Mario Beirão, Maria de Carvalho, Afonso Lopes Vieira, Americo Durrão, Jaime Cortesão, Silva Tavares, Virginia Victorino, João de Barros, Alves Martins, Teixeira de Pascoaes e, finalmente, Fernando Pessoa. O texto de Pessoa, sem título como os demais, traz na primeira linha uma tese em forma de oração nominal: “Camões é *Os Lusíadas*”. Pessoa faz a distinção entre o épico camoniano e outros poemas épicos, rebaixando-o a uma categoria de segunda ordem num suposto *ranking* das epopeias. Pessoa mais uma vez “morde e assopra”, (mordendo mais e assoprando menos), e acaba por escrever um texto anti-glorificante, subvertendo a proposta da homenagem.

Não ocupa *Os Lusíadas*, um lugar entre as primeiras epopeias do mundo; só a *Iliada*, a *Divina Comedia* e o *Paraíso Perdido* ganharam essa elevação. Pertencendo, porém, à segunda ordem das epopeias, como a *Jerusalem Libertada*, o *Orlando Furioso*, a *Faerie Queen* – e, em certo modo, a *Odyssea* e a *Eneida*, que participam das duas ordens, – distingue-se *Os Lusíadas* não só destas epopeias, seus pares, senão também daquelas, suas superiores, em que é directamente uma épopeia histórica. [...] A épopeia que Camões escreveu pede que aguardemos a epopeia que ele não pôde escrever. A maior coisa nele é o não ser grande bastante para os semideuses que celebrou (Pessoa, 1924, p. 3).

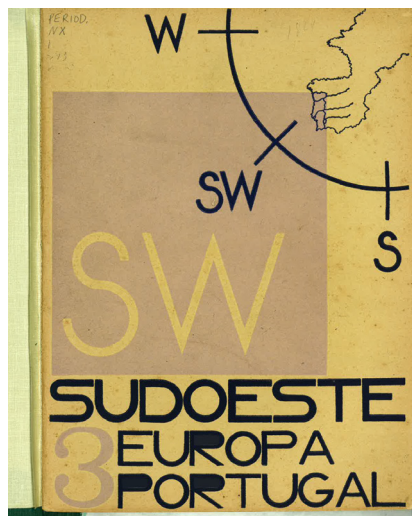
Figura 12 – Título da coluna do *Diário de Lisboa* ano 3, n. 866, 4 de fevereiro de 1924, dedicada a Camões (detalhe).



Fonte: Pátria [...] (1924, p. 3).

Após esse texto, Camões aparecerá em apenas mais dois textos publicados por Pessoa em vida: o primeiro, a famosa “Tábua bibliográfica!”, publicada na *Presença* em dezembro de 1928, e cuja menção a Camões retoma a provocação de 1912, em torno da necessidade de um Supra-Camões; o segundo, publicado em novembro de 1935 na Revista *Sudoeste*, editada por Almada Negreiros, é assinado não por Fernando Pessoa, mas por Álvaro de Campos. Com o título “Nota ao acaso”, Campos discorre sobre o tema da sinceridade na poesia e acusa Camões de inautenticidade de sensação na medida em que plasmou no mesmo diapasão de Petrarca, a saber, o soneto decassílabo, o que chamaria Campos de emoção insincera. Para ele, apenas o mestre Caeiro era poeticamente sincero.

Figura 13 – Capa do n. 3 de *Sudoeste*.



Fonte: BnFP (c2022c).

Importante trazer os últimos três contributos para essa discussão. O primeiro é uma das missivas mais conhecidas de Pessoa a João Gaspar Simões. Escrita a 11 de dezembro de 1931, e publicada pela primeira vez em 1936, sob o título “Notas à margem de uma carta de

Fernando Pessoa”, o poeta admite a Gaspar Simões não uma influência, mas uma admiração por Camões. O elogio é velado, e o que se destaca é certo desdém de Pessoa diante da possibilidade de ter apreendido alguma coisa lendo Camões:

uma grande admiração não implica uma grande influência, ou, até qualquer influência. Tenho uma grande admiração por Camões (o épico, não o lírico), mas não sei de elemento algum camoniano que tenha tido influência em mim, influenciável como sou. E isto por uma razão precisamente igual como à que explica a não-influência de Pessanha sobre Sá-Carneiro. É que o que Camões me poderia ‘ensinar’ já me fora ‘ensinado’ por outros (Pessoa, 1936, p. 20).

Pessoa busca na carta afastar a ideia da angústia da influência teorizada por Bloom. Pessoa elege outros poetas como influência e afasta Camões do estatuto de mestre.

O segundo documento é mesmo curioso. Faz parte do conjunto de testemunhos que compõe o *corpus* do *Fausto* de Pessoa. No conjunto de fragmentos reunidos em 1988 por Teresa Sobral Cunha, esse material é descrito, mas recebe tratamento diferente. Em Sobral Cunha, é tratado como parte do conjunto de poemas atribuíveis ao Fausto. Mais recentemente, em 2018, na edição de Carlos Pittella, esse documento aparece no material dedicado aos apêndices.

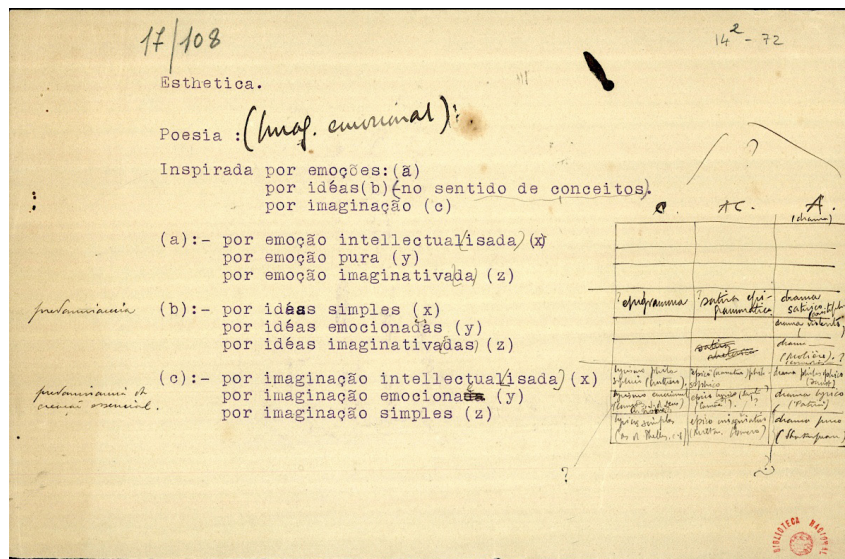
Trata-se de um fragmento de guardanapo pardo, vincado ao meio e manuscrito a tinta preta e a lápis roxo. No rosto, lê-se: “Shakespeare: E é loucura a inspiração! / Vozes: Só a loucura é que é grande! / E só ella é que é feliz!” (Pessoa, 2018, p. 87), fragmento que Pittella incluiu na seção *mestres* da sua edição crítica. No verso, um poema atribuído como sendo “Maybe Fausto”, conjunto que difere do conjunto dos poemas nitidamente atribuídos a *Fausto* pelo próprio Pessoa. E é o verso do documento que aqui interessa:

Horror, alli que haja cousas que estejam
Alli – alli – alli – e eu vendo e ouvindo –
Tudo isto, horror – transcende o pensamento
Então eu vejo – horror! – a intima alma
Do perenne mysterio...

(Pessoa, 2018, p. 303).

Abaixo, em sentido perpendicular, seis personalidades, três religiosas e três literárias, aparecem. As religiosas: Cristo, Buda e Mao-mé; as literárias: Shakespeare, Goethe e Camões. Apesar de em algumas tabelas comparativas Pessoa colocar Camões ao lado de outros escritores (Fig. 14), aqui, é a única vez que ele (conscientemente ou não, nunca saberemos), iguala Camões a dois de seus escritores mais homenageados e admirados. Na versão mais definitiva no conjunto do Fausto, essas personagens ganham estatuto de vozes líricas, cada uma tecendo versos que formam um conjunto místico, como que da incorporação do divino pela poesia. Mas Camões não aparece nesse conjunto acabado, por assim dizer, acabado (Clearly Fausto). Isto é, não admite Pessoa, em uma versão mais definitiva do documento, que Camões venha a se constituir como uma das vozes a tecer versos na companhia de outros importantes iniciados. De qualquer maneira, parece que a figuração de Camões nos rascunhos desse fragmento diz qualquer coisa a respeito da sua presença espectral na escritura de Fernando Pessoa.

Figura 14 – “Esthetica” (detalhe).



Fonte: Pessoa (19--c [BNP/E3 14²-72]).

Transcrição do manuscrito “Esthetica” (BNP/E3 14²-72).

C.¹⁰

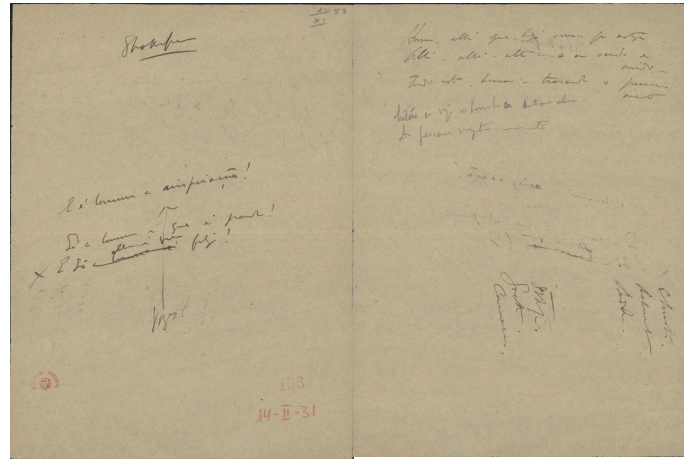
AC.

A

(drama)

? epigramma	? satira epigrammatica.	drama satirico (Aristoph[anes])
		drama violento (◇).
	11	drama (Molière). (Camões[]) ?¹²
lyrismo philosophico (Anthero)	“epico” (narrativo) philosophico	drama philosophico (Faust)
lyrismo emocional¹³ (Camões, J[ão] de D[eus] A[ntonio] Nobre (?))	epico lyrico¹⁴ (Camões). ?¹⁵	drama lyrico (“Patria”)¹⁶
lyrica simples (as de Shelley, e.g.)	epico imaginativo (Milton, Homero) (Dante)¹⁴	drama puro (Shakespeare)¹⁷

Figura 15 e 16 – Fragmentos do *Fausto* “Shakespeare [...]”.



Fonte: BNP-E3 [29-58^{rv}].

Shakespeare

E é loucura a inspiração!

Vozes

Só a loucura é que é grande!

E só ella é que é feliz!

(BNP-E3 [29-58^v]).

Christo

Mahomet

Buddha

Shakespeare

Goethe

Camoens

(BNP-E3 [29-58^v])⁶.

Levando-se em consideração a cronologia do *Fausto*, esse papel data de 1908-1909, portanto seria a primeira vez que Camões aparece

⁶ Escrito no sentido perpendicular da folha.

nos escritos de Pessoa, o que não deixa de ser emblemático. Talvez, um encantamento inicial e a certeza da importância de Camões no hall das grandes figuras inspiracionais cedem lugar ao antagonismo crítico. É quase mesmo uma necessidade de apagamento, um não querer pensar ou demonstrar que aquela figura se faz presente mesmo tão afastada, por várias razões, justificadas historiograficamente. Essa presença se estenderá por toda vida de Pessoa (como comprovado pelo texto publicado em *Sudoeste*).

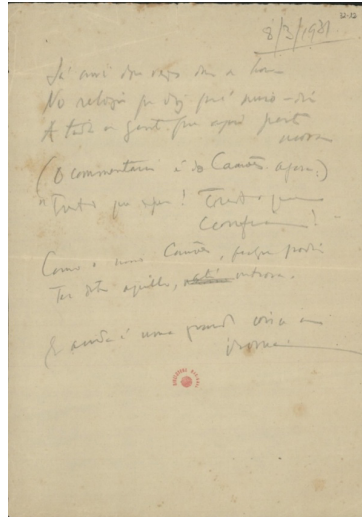
Por último, um poema, que mereceria uma análise mais detida, o que não será possível por ora. Mas vale apontar, segundo Jerónimo Pizarro, que a aparente citação camoniana parece fantasiosa, já que não se encontram os versos nem na lírica nem na épica.

Já ouvi doze vezes dar a hora...
No relógio que diz que é meio-dia
A toda a gente que aqui perto mora.
(O comentário é do Camões agora:)
‘Triste o que espera! Triste o que confia!’
Como o nosso Camões, qualquer podia
Ter dito aquilo, até outrora.

E ainda é uma grande coisa a ironia.
8-3-1931

(Transcrição do manuscrito BNP/E3 [32-12])⁷.

⁷ Publicado em *Poesias Inéditas (1930-1935)* (Pessoa, 1990 [1955]).

Figura 17 – “Já ouvi doze vezes [...]”.

Fonte: BNP/E3 [32-12].

Fica dito que, mais do que a aparente obsessão pessoana em superar Camões, o poeta modernista tinha em Camões um modelo. Modelo de poeta clássico, perceptível na própria produção poética de Ricardo Reis, para não mencionar os sonetos do ortônimo, mas também modelo de mito, o fundador de um país em literatura, que, ainda não sendo muitos, como o foi Pessoa, viveu intensamente a vida que lhe restou de poeta-náufrago, exilado e retornado para viver um trágico fim. Pessoa emulou a grandeza de Camões, multiplicando-a em dezenas de “eus” e infinitos fragmentos. Enquanto Camões deve ao seu “peito experto” o poeta que foi, Pessoa deve à sua poesia os poetas que se eternizaram para nós, leitores de todos eles. Aqui e agora, já em outros planos, os dois continuam a habitar, fantasmagoricamente e poeticamente, o mundo.

RECEBIDO: 26/06/2025

APROVADO: 01/08/2025

REFERÊNCIAS

- A ÁGUIA. Revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica. Porto, 1912.
- BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos Camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BIBLIOTECA PARTICULAR DE FERNANDO PESSOA (BnFP). [Capa e contracapa da edição do *Sonetos* de Camões]. c2022a. Digitalização da obra completa. Disponível em: <https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-601MN>. Acesso em: 22 ago. 2025.
- BIBLIOTECA PARTICULAR DE FERNANDO PESSOA (BnFP). [Capa e contracapa da edição da revista *A Águia*]. c2022b. Digitalização da obra completa. Disponível em: https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/0-25/1/0-25_item1/index.html?page=1. Acesso em: 22 ago. 2025.
- BIBLIOTECA PARTICULAR DE FERNANDO PESSOA (BnFP). [Capa de] Sudoeste. c2022c. Digitalização da capa do número 3 da revista. Disponível em: https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/0-52LMR_3/1/0-52LMR_3_master/0-52LMR-3/0-52LMR-3_item1/index.html?page=1. Acesso em: 2 set. 2025.
- BLOOM, Harold. *The anxiety of influence: a theory of poetry*. New York: Oxford University Press, 1973.
- BOTHE, Pauly Ellen. *Apreciações literárias de Fernando Pessoa*. Lisboa, INCM, 2013.
- CAMÕES, Luís de. *Sonetos*. Lisboa: Edições Delta, 1921.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Camões e Pessoa: poetas da Utopia*. Lisboa: Mem Martins: Europa-América, 1983.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2007.
- LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e Metafísica*. Lisboa: Gradiva, 2002.
- MACEDO, Helder. *Camões e outros contemporâneos*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- PÁTRIA imortal. Luiz de Camões Glorificado pelos poetas da nossa terra. *Diário de Lisboa*, Lisboa, ano 3, n. 866, p. 3, 4 fev. 1924.
- PESSOA, Fernando. Palavras de Fernando Pessoa. (Entrevista cedida a) Alves Martins. *Revista Portuguesa*, Lisboa, n. 23-24, p. 187-188, 1923.

PESSOA, Fernando. Notas à margem de uma Carta de Fernando Pessoa. *Presença*, Coimbra, n. 48, p. 20, jul. 1936.

PESSOA, Fernando. [Sobre Pascoaes e Camões]. 19--a. Digitalização de manuscrito. BNP/E3 14D-6. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/arquivo-fernando-pessoa-bd1/details/33/3255>. Acesso em: 23 ago. 2025.

PESSOA, Fernando. *A nova poesia portuguesa*. 1912a. Digitalização de fragmento do manuscrito. BNP/E3 103-45. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/arquivo-fernando-pessoa-bd1/details/33/2322>. Acesso em: 23 ago. 2025.

PESSOA, Fernando. *A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada*. 1912b. Digitalização do manuscrito. BNP/E3 103-2-5. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/arquivo-fernando-pessoa-bd1/details/33/2304>. Acesso em: 23 ago. 2025.

PESSOA, Fernando. *A poesia nova portuguesa*. 19--b. Digitalização do manuscrito. BNP/E3 19-114-131. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/arquivo-fernando-pessoa-bd1/details/33/2823>. Acesso em: 23 ago. 2025.

PESSOA, Fernando. Camões é Os Lusíadas [...]. *Diário de Lisboa*, Lisboa, ano 3, n. 866, p. 3, 4 fev. 1924.

PESSOA, Fernando. Camões, e a superstição Camoniana. *Modern!smo – virtual archive of the Orpheu Generation*, [Lisboa], [20--]. BNP/E3 14B-51-52. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/archive-fernando-pessoa-db-1/details/33/3154>. Acesso em: 22 ago. 2025.

PESSOA, Fernando. *Esthetica*. 19--c. BNP/E3 14²-72. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/arquivo-fernando-pessoa-bd1/details/33/4315>. Acesso em: 22 ago. 2025.

PESSOA, Fernando. *Esthetica*. 19--d. BNP/E3 19-5-7. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/arquivo-fernando-pessoa-bd1/details/33/2455>. Acesso em: 22 ago. 2025.

PESSOA, Fernando. *Fausto*: tragédia subjectiva (fragmentos). Estabelecimento do texto, ordenação, nota à edição e notas de Teresa Sobral Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

PESSOA, Fernando. *Fausto*. Edição de Carlos Pittella. Lisboa: Tinta da China, 2018.

PESSOA, Fernando. *Hackwork*. 19--e. BNP/E3 135A-54^r. Disponível em: https://www.pessoadigital.pt/pt/doc/BNP_E3_135A-54r?term=BNP. Acesso em: 24 ago. 2025.

PESSOA, Fernando. *Poesias Inéditas (1930-1935)*. (Nota prévia de Jorge Nemésio.) Lisboa: Ática, 1955 (imp. 1990).

PESSOA, Fernando. *Reincidindo...* 1912c. Digitalização do rosto da primeira folha do datilografado. BNP/E3 103-21-31. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/arquivo-fernando-pessoa-bd1/details/33/2315>. Acesso em: 23 ago. 2025.

SENA, Jorge de. *Fernando Pessoa & C^a Heterónima*. (Estudos Coligidos 1940-1978). Lisboa: Cotovia, 2000.

SUDOESTE. *Cadernos de Almada Negreiros*. Lisboa, 1935.

MINICURRÍCULO

RODRIGO XAVIER é Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Letras pela PUC-Rio (2010). Fez estágios pós-doutorais na Universidade de Chicago (2016) e na Universidad de Los Andes (2024). É pesquisador do PPBL-RGPL e da FBN, e tem se dedicado à investigação de acervos bibliográficos. Contribui desde 2016 com o crítico Jerónimo Pizarro na edição de documentos do espólio de Fernando Pessoa.